

Até quando?

“Tudo o que fizerdes a um destes pequeninos, a mim o fazeis”. (Mt 25, 40)

“Hoje não posso falar de amor
Porque m'alma sangra de sofrimento e dor
Rogando ao Pai a quem tanto glorifiquei
Que perdoe-me porque na omissão eu errei.

Errei quando nada fiz pela criança carente
Que pelas ruas perambula rogando socorro da gente
Errei quando ao seu sofrimento fui indiferente
Ocupando por vaidade uma grande morada
Enquanto ela dormia ao relento na fria calçada.

Errei ao desperdiçar os alimentos que o Senhor me Legou
Jogando ao lixo o que muito me sobrou
Enquanto que ela raquítica por um pão implorava
E no desespero da fome drogas experimentava.

Errei ao comprar roupas caras sem jamais as usar
Enquanto que ela vestia farrapos para lhe agasalhar
Errei ao ter tantos calçados só por ostentação
Enquanto ela descalça temia as brasas do chão.

Errei por não combater de forma implacável a pedofilia
E por omissão ser conivente com a maior covardia
De quem trata crianças com ódio e tanto rancor
Fazendo com que cresçam sem conhecerem o amor.

Errei quando ao votar outorguei
Poderes a quem não merecia confiança
E ingênuo em falsas promessas acreditei
Naqueles que eternizam o calvário de uma criança
Egoístas que destroem a fé e a esperança.

Hoje num luto profundo minha cidade amanheceu
Chocada com a chacina que um insano cometeu
Profundamente abalado e emocionado entristeci
Mas talvez ele tenha sido mais uma criança que esqueci”.
(Falcão S.R - RJ)

“Tenho que gritar, tenho que arriscar, ai de mim se não o faço! Como escapar de ti, como calar, se tua voz arde em meu peito?” (Jr 7). Diante dos últimos acontecimentos aterrorizantes que tomaram de assalto o Rio de Janeiro, não tinha como me calar. Algo mais forte ardia em meu coração e me impulsionava a sair do silêncio. Sem a intenção de fazer mais um texto sensacionalista que tenta explorar acontecimentos trágicos, nem mesmo sugerir qualquer equiparação a algum profeta, venho apenas compartilhar com vocês algumas reflexões nas linhas que seguem.

Antes de sairmos pelos quatro cantos do mundo a procura de um culpado, um Judas, para podermos enforcarmos ou queimá-lo, para assim termos a sensação de alívio diante de uma estupidez que vai além da imaginação de qualquer mente sádica; é hora de pararmos para refletir com seriedade.

Muito mais do que ficar na superficialidade de uma tentativa de achar possíveis causas que levaram o rapaz chegar a esse grau de insanidade incomum ao ser humano, e insistir em transformá-lo em um pop star da semana, por que não ressaltamos as inúmeras ações de Deus que aconteceram em meio a esse caos? O mutirão de solidariedade para doar sangue, as atitudes heroicas do policial que entrou na escola, o exemplo de generosidade das famílias que autorizaram a doação de órgãos das crianças, dentre tantos outros milhares de pequenos sinais de ressurreição que aconteceram discretamente neste cenário onde a dor e a morte parecem ser a palavra final.

Será que essa “curiosidade” demonstrada por grande parte da sociedade em saber detalhes da vida e dos hábitos do assassino, no fundo não estaria apontando para um lado sombrio escondido? E esta superexposição do assassino pela mídia não estaria estimulando, de certa forma, o surgimento de novos psicopatas, conforme alerta a psicóloga Lidia Aratangy?

Infelizmente sabemos que tais fatos não acontecem somente no Rio, e sim, está se tornando cada vez corriqueiro em todo o mundo. Este é um dos principais pontos para nossa reflexão. Nosso individualismo desenfreado, onde cada vez mais nos preocupamos apenas com o nosso umbigo, onde a competição e a necessidade de sermos sempre o melhor é o imperativo que norteia as mentes nas esferas sociais, políticas e religiosas, certamente é um forte adubo para o surgimentos de diversas patologias. E se nada fizermos para começar a mudar essa cultura, o futuro que nos espera é um cenário no mínimo preocupante, para não dizer, aterrorizante. Alguns surtos podem não ser evitados, mas certamente que a pessoa surtada machuque alguém, isso nós podemos e devemos fazer.

“Tudo o que fizerdes a um destes pequeninos, a mim o fazeis” (Mt 25, 40). Onde o pequenino não se refere necessariamente as crianças, mas representa as pessoas que não serão capazes de retribuir o favor que está sendo feito a elas. É um pedido urgente de resgatar a gratuidade dos atos, a generosidade da partilha e a ajuda sem interesses. É o momento de aprendermos a voltar mais o nosso olhar para quem está a nossa volta. E assim tentarmos perceber os sinais de ajuda do próximo, hoje, ainda imperceptíveis no meio da nossa correria. Pois somente com esta comprometimento mútuo é que conseguiremos promover a vida.

Leonardo Núñez de M Reis
Bacharelado em Teologia na PUC-Rio
leonardo.reis@gmail.com